

MARIANA PEREIRA

**AVALIAÇÃO DA ESTRUTURA FATORIAL
DO NPI 40**

Orientador: Miguel Faria

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2015

MARIANA PEREIRA

**AVALIAÇÃO DA ESTRUTURA FATORIAL
DO NPI 40**

Dissertação defendida em provas públicas para
a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia
13 de Julho com o Despacho Reitoral nº
212/2016 com a seguinte composição de Júri:
Presidente -Professor Doutor Américo Batista
Arguente- Professor Doutor Pedro Rosa
Orientador- Professor Doutor Miguel Faria

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa
2015

É o palco do tempo, Sem tempo a mais, São voltas às voltas Por querer sempre mais...

Noiserv, 2013

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu marido e aos meus filhos, são o culminar da minha dedicação, força e paixão pela vida...Amo-vos.

Agradecimentos

Este trabalho foi possível com a vossa motivação e apoio, um muito obrigado:

Aos meus filhos pelo vosso amor e por ter a felicidade de ser a vossa mãe.

Ao meu marido por todo o seu apoio, carinho, dedicação e amor.

Ao meu pai que esteve sempre comigo pelo apoio e pelo seu amor.

À minha mãe, pelo seu arrimo e carinho.

A família que me apoiou.

À minha colega e amiga Florbela, que durante esta fase me deu apoio e motivação para eu continuar, pelas histórias, pelas partilhas de angústias e alegrias no nosso percurso académico.

Ao professor Miguel Faria, que me apoiou, que me encorajou, pelas suas aulas de orientação que são fantásticas, pela sua partilha do saber e agradecer por acreditar que consigo alcançar os meus objetivos.

Aos meus colegas de curso que me ajudaram a que esta caminhada muitas vezes fosse vivida de forma mais relaxada.

A vossa presença ajudou a que este trabalho fosse executável.

Resumo

Pretendemos com este estudo analisar e avaliar a estrutura fatorial do NPI – 40, Narcissistic Personality Inventory, uma vez que vários estudos na literatura apontam discrepâncias propondo diferentes números de fatores para este instrumento. Participaram neste trabalho 200 indivíduos de ambos os sexos, com idades entre os 18 e os 55 anos ($M=34.78$, $DP=8.99$), que preencheram um protocolo que incluiu um questionário de dados sociodemográficos o Inventário de Personalidade Narcísica (NPI – 40, Raskin & Hall, 1979) e o BFI - Escala de Dimensões da Personalidade (John, O. P., & Srivastava, S. 1999). O NPI é um questionário de autorrelato, que avalia o narcisismo como uma característica da personalidade. Foram efetuadas análises fatoriais exploratórias aos 40 itens do NPI, pelo método dos componentes principais, tendo sido testadas especificamente soluções com dois, três e quatro componentes, para deste modo se poder avaliar a estrutura fatorial resultante, no sentido de ser feita a sua comparação, tendo a escolha recaído na solução de três fatores.

Palavras-Chave: NPI, Personalidade, Narcisismo.

Abstract

We intend this study to analyze and evaluate the factor structure of the NPI - 40, Narcissistic Personality Inventory, as several studies in the literature point out discrepancies proposing different numbers of factors for this instrument. Participated in this study 200 individuals of both sexes, aged between 18 and 55 years ($M = 34.78$, $SD = 8.99$). In the study we used the psychological assessment protocol which includes not only the collection of demographic data of the participants as well as the assessment tool NPI - 40 Inventory Narcissistic Personality (Raskin & Hall, 1979) and the questionnaire BFI - Dimensions Scale personality (John, OP, & Srivastava, S. 1999). The NPI is a self-report questionnaire, which was developed to assess narcissism as a personality trait. In this study we carried out exploratory factor analysis to the 40 items of the NPI, the method of the main components. Specifically, solutions were tested with two, three and four components, to thereby be able to evaluate the resultant factor structure, to be made a comparison. In this study, the choice fell on the proposed solution of three factors.

Keywords: NPI, Personality, Narcissism.

Abreviaturas e Símbolos

BFI – Escala de Dimensões da Personalidade

CGF – Cinco Grande Fatores

EE – Violência/Titularidade

EUA- Estados Unidos da América

LA – Liderança/Autoridade

MMPI – Escala de Necessidades de Murry

NPI – Narcissistic Personality Inventory

SA – Superioridade/Arrogância

SS – Auto-observação/Autoadmiração

Índice

Introdução	2
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1.1 Personalidade.....	5
1.1.1. Temperamento, Carácter e Traço de Personalidade	6
1.1.2. O Modelo dos Cinco Fatores	7
1.2. Narcisismo	9
1.2.1. Origens do Termo	9
1.3. Avaliação do Narcisismo.....	15
1.3.1. O Narcissistic Personality Inventory - NPI.....	16
1.3.2 A Solução dos Sete Fatores	17
1.3.3 - A Solução de Quatro Fatores.....	17
1.3.4 A Solução dos Três Fatores.	18
1.4 Estudos com o NPI	19
CAPÍTULO II – MÉTODO	21
2.1. Amostra.	22
2.2. Instrumentos	22
2.3. Procedimento	24
CAPÍTULO III – RESULTADOS	25
3.1. Estrutura Fatorial do NPI.....	26
3.2. Valores descritivos e consistência interna	30
3.3. Correlações	31
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO	33
CAPÍTULO V - CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	i
Anexo A.....	ii

Anexo B.....	ii
Anexo C.....	vi

Índice de tabelas

Tabela 1 – Características demográficas da amostra.....	22
Tabela 2 – Resultados da análise fatorial para uma solução de 2 componentes.....	27
Tabela 3 – Resultados da análise fatorial para uma solução de 3 componentes.....	28
Tabela 4 – Resultados da análise fatorial para uma solução de 4 componentes.....	29
Tabela 5 – Descritivas para a amostra total e por sexo para as dimensões do NPI.....	31
Tabela 6 – Intercorrelações entre os fatores do NPI.....	31
Tabela 7 – Correlações entre os fatores do NPI e do BFI.....	32

Introdução

O narcisismo é um aspeto da personalidade¹ que tem atraído bastante atenção há quase um século. Alguns autores (Auerbach, 1984 cit Garduño, 2000) acreditam que este fenómeno psicológico está cada vez mais presente no nosso quotidiano. Talvez o interesse inventariado com este tema, o narcisismo, esteja relacionado com o facto de a personalidade se diferenciar nas diversas etnias e culturas (Belas, 1986; Muller, 1987 cit Garduño, 2000). A sociedade ocidental está cada vez mais narcisista (Lasch, 1978 cit Garduño, 2000).

O termo narcisismo pode ter conotações negativas, sendo um processo que evolui com a idade, estatuto social e identidade. Estudos longitudinais têm apontado para que os estudantes do último ano de faculdade tenham maiores níveis de narcisismo do que quando iniciaram o seu percurso académico (Cramer, 1998) e que as mulheres de meia-idade se tornam mais individualistas e narcisistas com o avançar da idade (Roberts & Helson, 1997 cit Garduño, 2000).

A partir de 1979 e durante a primeira metade da década de 80, vários estudos eram realizados a fim de desenvolverem a validação de instrumentos sobre este tema, e a partir da segunda metade dos anos 80, a investigação focou-se em expandir e tornar mais abrangentes os conhecimentos sobre o narcisismo em sete grandes áreas: 1) desenvolvimento e validação de instrumentos sobre o constructo; 2) narcisismo e sua relação com as características e as teorias da personalidade; 3) narcisismo e papéis sexuais/ de género 4) narcisismo e religião; 5) estilos de narcisismo, a parentalidade e o lugar das crianças na família; 6) o narcisismo relacionado com as organizações laborais, e 7) o narcisismo, com o alcoolismo e uso de drogas. Existem outras linhas de investigação que são emergentes, relacionadas com o narcisismo e as perturbações alimentares, e com o narcisismo, desporto e imagem corporal. A grande maioria dos estudos foi inicialmente realizados nos EUA (Estados Unidos da América), embora a revisão da literatura indique que a investigação no narcisismo já transpôs as fronteiras deste país² (Garduño, 2000).

Esta investigação está estruturada em cinco capítulos. O Capítulo I engloba o enquadramento teórico, onde se aborda a personalidade, a distinção entre temperamento,

¹A origem da palavra personalidade deriva do latim persona e a sua raiz pessoa. Significa a própria pessoa, tal como se revela nas suas manifestações empíricas. Todavia, persona passou a significar mais tarde, o actor colocado atrás da máscara, isto é, o seu verdadeiro conjunto de qualidades íntimas e pessoais (Allport, 1966).

² Vários estudos noutros países como: Japão (Miyashita, 1991; Ohtani e Sakurai, 1995 cit in Garduño, 2000); Canadá, Inglaterra e França (Mercier, 1991; Patrick, 1990 cit in Garduño, 2000); Austrália (Irwin, 1995 cit in Garduño, 2000); nos países escandinavos têm realizado vários estudos (Anderson, 1990; Benjaminsen, Krarup e Lauritsen, 1990; Kalliopuska, 1992 cit in Garduño, 2000); Espanha (Trechera, 1997 cit in Garduño, 2000); e no México (García, 1991; García e Cortés, 1998 cit in Garduño, 2000).

caracter e traço, o modelo dos cinco fatores, o narcisismo, as origens do termo, avaliação do narcisismo e o instrumento NPI. O capítulo II incide no método do estudo onde é descrita a amostra, os instrumentos e os procedimentos. O capítulo III descreve os resultados obtidos nesta investigação. O capítulo IV refere-se à discussão e por último no capítulo V elaboramos uma conclusão.

A presente dissertação foi realizada de acordo com as normas para a elaboração e apresentações de teses de doutoramento da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, também aplicáveis às dissertações, trabalhos de projeto de estágio (Primo & Mateus, 2014).

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Personalidade

A personalidade é uma temática particularmente importante nas áreas Sociais e Humanas. A palavra personalidade no senso comum é utilizada inúmeras vezes e representa um grande fascínio nos leigos, a palavra personalidade é empregue de diversas formas, serve para indicar habilidades sociais, como para se referir a características do sujeito que sejam mais notáveis (inteligência, timidez, etc.). No senso comum aborda-se a personalidade através de comportamentos observados e existe uma tendência para caracterizar a personalidade como sendo boa ou má (Bergeret, 2000).

Na psicologia a personalidade é abordada de forma científica, não se fazendo a valorização da personalidade como sendo boa ou má, mas sim como um processo ou conjunto de características psicológicas, não observáveis, a partir de um conjunto de comportamentos, estes sim, observáveis (Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson & Sanford, 1973).

A noção da palavra personalidade desde os nossos antepassados tem tido significativas mudanças, o que nos leva a refletir sobre complexidade desta temática. A personalidade refere-se ao modo constante e particular de sentir, pensar, perceber e agir do sujeito. Este conceito tende a ser vasto e tende a incluir habilidades, crenças, atitudes, emoções, desejos, o comportamento e até engloba aspetos físicos do sujeito. A personalidade define-se também através da interação, da organização dos aspetos mencionados, tendo em conta a individualidade de cada sujeito. Na psicologia a personalidade tem por base a análise do sujeito que é observado num todo (Adorno, et al 1973).

Segundo Carver, Sutton & Scheier (2000), a forma mais compreensível de descrever a personalidade esta relacionada com seis breves descrições: 1) a personalidade não corresponde a peças soltas, mas sim representa uma organização; 2) a personalidade não se depara num local específico, a personalidade é ativa e representa um procedimento dinâmico no interior do sujeito; 3) a personalidade acomoda um conceito psicológico cujas bases são fisiológicas; 4) a personalidade é uma força interna que demarca como o sujeito se comportará; 5) a personalidade é composta por padrões de resposta recorrentes e consistentes, e por último, 6) a personalidade não reflete apenas numa direção, mas sim em várias.

A personalidade é a base que estrutura e que une entre si os diferentes conteúdos e atitudes do sujeito, consiste na organização global que dá solidez ao funcionamento do sujeito. As condutas da personalidade estão relacionadas com as vivências concretas dos sujeitos no seu meio cultural, religioso, familiar, etc. Só é possível perceber a personalidade estabelecendo uma relação entre a estrutura e os conteúdos. Esta associação dá a dinâmica da

personalidade, que nos permite uma compreensão do desenvolvimento e das mudanças do sujeito (Carver, Sutton & Scheier, 2000).

1.1.1. Temperamento, Carácter e Traço de Personalidade

Nesta temática, da personalidade, pretendemos de forma sucinta e simples, diferenciar temperamento, carácter e traços da personalidade.

O temperamento é um termo usado em vários sentidos, este deve ser compreendido como uma sugestão dos aspetos relacionados com a disposição fisiológica e com os aspetos hereditários que intervêm no quotidiano do sujeito. Os sujeitos que possuem mais ou menos energia vital terão comportamentos destintos, uns serão mais agitados e outros mais calmos. (Cloninger & Svrakic, 1993).

O carácter está associado as reações afetivas. Para designar o que diferencia um sujeito do outro, este funciona como uma marca pessoal do sujeito. Define-se, também, por disposições duradoiras, que aparecerem mais tarde e que modificam os temperamentos (Cloninger & Svrakic, 1993).

O traço da personalidade está relacionado a uma característica que perdura no tempo, a disposição do sujeito para ter determinado comportamento em diversas ocasiões, desta forma a noção de traço permuta afavelmente a noção de carácter. Exemplo de traços: a impulsividade, a timidez, a sensibilidade, a generosidade, a empatia ou a honestidade. (Hansenne, 2003).

A personalidade teve destaque na área da Avaliação Psicológica³, motivo pelo qual tem vindo a ser estudada inúmeras vezes e debatida teoricamente e metodologicamente. De acordo com Prinzie, Dekovic, Reijntjes, Stams e Belsky (2009), a investigação da personalidade ganhou novo impulso e um novo caminho a partir do estabelecimento de um consenso acerca da sua estrutura. Esta foi elaborada pelo o modelo fatorial da personalidade, que está baseado nos cinco fatores. A importância deste modelo está relacionado com o facto deter sido aplicado em diversas amostras, em diversas culturas e por meio de numerosas fontes de informação (incluindo autoavaliação, avaliação por pares e avaliações clínicas), tendo demonstrado sua adequação nos diferentes usos (Prinzie, et al 2009).

Allport (1966) caracteriza a personalidade como "*a organização dinâmica, no*

³A avaliação psicológica é uma das mais relevantes competências profissionais do psicólogo, que cinge a aplicação de conhecimentos teóricos na compreensão do funcionamento psicológico dos sujeitos e grupos relacionados a uma demanda específica de entendimento e previsão do comportamento. Os psicólogos empregam os instrumentos de avaliação com o objetivo descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos (Anastasi & Urbina, 1997 Cronbach, 1996).

indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seus pensamentos característicos" (p. 50).

Segundo Trentini, Hutz, Bandeira, Teixeira, Gonçalves e Thomazoni (2009), a personalidade está dirigida às características dos sujeitos, sendo única em cada sujeito.

A avaliação da personalidade irá obedecer a teoria adotada pelo autor ou investigador, de forma a que as teorias consigam conceituar o termo. Um dos modelos mais disseminados para traçar a estrutura da personalidade dentro da teoria dos traços, é o modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade⁴, este instrumento do ponto de vista psicométrico é bastante conceituado, é também, considerado como sendo uma teoria explicativa e preditiva da personalidade humana e de suas relações com a conduta (Garcia, 2006).

1.1.2. O Modelo dos Cinco Fatores

O modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) é resultante de uma versão moderna da Teoria de Traço que exhibe um progresso conceitual e empírico na área da personalidade, traçando dimensões humanas básicas de forma sólida e replicável. Os CGF, não existem só em instrumentos desenvolvidos com a finalidade de identificá-los. Os primordiais questionários e instrumentos de avaliação da personalidade, desenvolvidos com base em diversas teorias da personalidade (e.g, o MMPI, escala de Necessidades de Murry), quando são submetidos a análises fatoriais, em conjunto ou isoladamente, geram soluções compatíveis com o modelo CGF. Independentemente da teoria de base que cada autor se baseia para criar e/ou desenvolver instrumentos de avaliação da personalidade as análises fatoriais desses instrumentos têm indicado que os fatores emergentes são consistentes com o modelo dos CGF (McCrae & Costa, 1989; Digman, 1990; McAdmas, 1992; Ozer & Reise, 1994).

Segundo Costa & McCrae (1988), o modelo dos CGF também é chamado por Five Factor Model, e é um dos modelos mais relevantes, senão o mais relevante, para a elucidação da personalidade humana.

Neste modelo, existe divergência em relação à designação dos fatores e aos traços ou características de personalidade que estão agrupadas por dimensões, contudo, a denominação dos fatores não expõe uma dúvida metodológica ou epistemológica, a sua importância restringe-se a simplificar a comunicação. Todavia, o consenso é primordial em relação ao conteúdo das dimensões do modelo CGF. Diversos autores tentaram organizar as diferentes

⁴ Também conhecido como Big Five (Garcia, 2006); Five Factor Model (Costa & McCrae, 1988) .

soluções fatoriais descobertas, a descrição que se segue é um resumo simples do parecer atual que se tem dos cinco fatores, onde cada fator tem duas polaridades:

Fator I – Designado por Extroversão/Introversão, este fator está associado com características tais como se o sujeito é animado, enérgica (extremo Extroversão) ou reservada ou quieta (extremo Introversão).

Fator II – Designado por Sociabilidade/Anti Sociabilidade, este fator está associado às características tais como altruísmo, cuidado, amor, apoio emocional (extremo Sociabilidade), hostilidade, indiferença aos outros, egoísmo e inveja (extremo Anti Sociabilidade).

Fator III – Designado por Conscienciosidade/Inescrupulosidade, este fator está associado a responsabilidade, honestidade (extremo Conscienciosidade), negligência e irresponsabilidade (extremo Inescrupulosidade).

Fator IV- Designado Neuroticismo/Estabilidade Emocional, este fator está associado ao afeto positivo, estabilidade, comportamentos adaptativos (extremo Estabilidade Emocional), comportamentos disfuncionais, afeto negativo e ansiedade (extremo Neuroticismo).

Fator V – Designado por Convencionalidade/Abertura a Experiência, este fator diz respeito à percepção do sujeito (ou outros) tem da sua inteligência ou capacidade (extremo Convencionalidade), flexibilidade de pensamento, fantasias, imaginações, capacidade de novas experiências, interesses culturais (extremo Abertura a Experiência) (Goldberg, 1981; Hogan, 1983; Brand, 1984; Jonh, 1989; Digman, 1990).

O narcisismo tem sido alvo de investigação como traço de personalidade que se integra nas teorias da personalidade, este fenómeno foi estudado por vários autores como Allport, Catell, Norman e Fiske. Este tema tem um lugar importante na investigação da personalidade, descrevendo-se como uma tendência dos indivíduos em comportarem-se de certas maneiras (Buss & Craik, cit in Garduño, 2000). Outro constructo esta relacionado às teorias de disposição, e à frequência da abordagem do ato, que postula na existência de categorias ou de atos que são topograficamente diferentes, mas que, no entanto, estas manifestações, são consideradas disposições comuns (Garduño, 2000).

Segundo vários autores (Buss & Chiodo, 1991; Paulhus & Williams, 2002; Saulsman, 2004), o modelo dos cinco grandes fatores, o Big Five, tem relevância para os estudos que estão relacionados com o narcisismo, pois existe uma evidência da relação entre o narcisismo e o Big Five, a nível da agradabilidade e extroversão, o que vem também na linha dos dados empíricos obtidos por Paulhus e Williams (2002) e Buss e Chiodo (1991), os quais

indicam que existe uma relação significativa entre os cinco grandes fatores e a personalidade narcísica, esta relação particularmente a nível da abertura à experiência, neuroticismo e extroversão.

1.2. Narcisismo

O conceito de narcisismo tem vindo a ser estudado ao longo dos anos por vários autores, que tinham como meta apreender como funciona a esfera psíquica do sujeito (Crochík, 1990).

1.2.1. Origens do Termo

O termo narcisismo tem origem, no clássico, mito grego de Narciso, neste mito falamos de um jovem belo, restringido pelos deuses a nunca se conhecer a si mesmo e sentenciado a um amor impossível de acontecer. Este jovem belo despertava o amor das jovens gregas e das ninfas, mas era arrogante e desprezava-as, tratando-as com desprendimento. Um dia, Narciso aproximou-se de um lago e apaixonou-se pela sua própria imagem, e ao vê-la refletida na água, lançou-se ao lago para se unir aquele por quem se apaixonara – ele próprio. Este mito grego ajuda-nos a entender a origem do termo de narcísico (Macedo, 2005).

As primeiras referências ao mito de Narciso, e das suas características psicológicas foram feitas por Ellis e Binet. Ellis, traçou os casos de homossexualidade como o amor de uma pessoa pelo reflexo de si mesma, que se espelhava noutra pessoa do mesmo sexo, em relação ao sexo feminino associou que as mulheres ficavam captadas pela imagem que refletia ao espelho (Holmes, 2001), enquanto Binet fez uma comparação com o fetichismo, onde o próprio sujeito se tomava como o objeto sexual (Macedo, 2005).

No campo da psiquiatria o conceito de narcisismo foi introduzido em 1899 por Paule Nacke, referindo que este conceito era associado aos sujeitos que cuidavam do seu corpo da mesma maneira que um objeto sexual, onde mimavam e o acariciavam até obter satisfação completa através dessas atividades (Roriz, 2006; Macedo 2005).

O amor-próprio é um indicador de saúde psicológica, a diferença entre o amor-próprio e o narcisismo depara-se ao nível da autoadmiração de natureza mórbida (Macedo, 2005).

Freud (1921), através deste mito grego tentou desvendar o inconsciente humano, esta história da mitologia ajudou-o a descrever e ilustrar esta condição psíquica, além da condição patológica, indica-nos que o narcisismo consta de uma fase essencial e estruturante do

desenvolvimento humano. Freud centrou-se numa ideia base de narcisismo como sendo uma forma de sexualidade infantil que era necessária ao desenvolvimento, onde era construído entre o autoerotismo e o amor objetal, onde o Eu se torna o objeto do investimento libidinal, este narcisismo está associado ao narcisismo primário (Macedo, 2005).

A fase do autoerotismo é associada a uma imagem do Eu que é desassociada do não Eu, que significa que há uma compressão do interno e do externo e que existe a noção dos vários papéis representativos do Eu. Com isto, a criança passa de uma sexualidade em que a satisfação é desorganizada e desconjuntada de um todo para uma sexualidade onde existe investimento numa nova representação de si. Freud, designou a esta organização do Ego ideal, onde é adquirido o investimento libidinal do Outro na criança (Macedo, 2005).

“Se prestarmos atenção à atitude dos pais para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivência e reprodução do seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram (...) O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é se não o narcisismo dos pais renascido, o qual transformada em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”

(Freud, 1921)

A posição que é descrita por Freud é de que o bebé é posto como “sua majestade o bebé”, esta forma de pensar é o resultado da projeção dos pais para os filhos, em que o efeito da linguagem e comportamentos dos pais indicam a troca da consciência crítica para a imagem idealizada. Esta projeção é vivenciada pelo bebé de forma ao ego⁵ ideal (Wittels, et al 1994). Assim se dá início à entrada primária do narcisismo, que é a forma mais primigénia do Eu, onde a criança obtém prazer em si mesma ao se achar ideal para a figura que cuida de si. Porém, a relação dual (mãe-bebé) é, a dado momento, suspendida pela relação edípica. Esta relação edípica está relacionada com a entrada do pai na relação, que rompe a completude vivenciada pela criança, o que deixa de ser perfeita com a mãe, que segundo Freud (1992), está associada à primeira ferida narcísica do ser humano. Com isto, a criança depara-se com a

⁵ É um termo utilizado na filosofia e na psicologia para indicar a pessoa humana como conhecedora de si e objeto do pensamento. Reavido por Sigmund Freud, esse termo representou, num primeiro momento, a sede da consciência. O ego (eu) foi então circunscrevido num sistema chamado primeira tópica, que abrangia o consciente, o pré-consciente e inconsciente (Freud, 1921).

sua incompletude, onde esta se vê confrontada com o ideal que não é o dela, o ego não é mais igual ao ideal, e com qual se compara, isto é, o ego passa a ter ideias (Braconnier, 2000; Macedo, 2005).

Após esta adaptação e reconstrução psíquica, o investimento libidinal deixa de ser feito em si para ser feito no objeto, contudo há uma parte da carga libidinal que se mantém no Ego, regulamentando a autoestima (Freud, 1992; Wittels, et al, 1994). Assim sendo, esta é a nova forma de investimento ao qual se reforçam pelas pulsões de autoconservação, que tem como objetivo agradar e reconquistar o amor e atenção no outro para obter novamente as satisfações da perfeição narcísica, este comportamento e pensamento está associado ao narcisismo (Braconnier, 2000; Holmes, 2001). O narcisismo secundário é uma configuração do investimento objetual que atesta as necessidades narcísicas, isto significa que o sujeito investe no objeto e obtém do objeto esse investimento sob forma de sustento da autoestima e da identidade do Eu (Macedo, 2005).

A autoestima está completamente relacionada com a libido narcísica, onde a escolha narcísica de objeto é ser amado. Esta é a questão narcísica que Freud atenta em ser a condição humana, esta questão está associada a uma exigência de contentamento interna constante, que é moldada pelas exigências externas, que frisa a adaptação e o contentamento em si mesmo, porém é impossível de se realizar, onde preside o sentimento de falta (Freud, 1992, Roriz, 2006; Vaz, 2006).

Os aspetos referenciados estão associados as causas da perturbação da personalidade narcisista, onde o ambiente externo é palco do desenvolvimento do Eu e a personalidade se desenvolve, e onde as formas particulares de sexualidade percorrem o seu curso, que devem ser superadas eficazmente. Quando o ambiente externo origina sofrimento, um dos percursos opcionais do ser humano é tornar-se autossuficiente e de procurar satisfação em si mesmo. A introversão pode ser umas das contingências da pulsão, onde existe uma revelação do investimento no próprio Eu. Esta é uma das formas de lidar com as frustrações e sofrimentos resultantes do contato com a realidade (Vaz, 2006). Com esta contingência a demanda narcísica torna-se exagerada e gerem-se formas de satisfação alternativas quando o ambiente externo cria egos frágeis ou com efeitos negativos e traumáticos (Macedo, 2005).

Os sujeitos que sofrem da perturbação de personalidade narcisista, que foram estudados, julgam ter sido indesejados na infância ou adotados, sentem que foram responsáveis pelas depressões pós-parto das suas mães e pelo afastamento dos seus pais. Os sujeitos que apontam para os fatores referidos, tendem para uma representação narcísica

frustrada (Holmes, 2001).

Para existir uma estabilidade psicológica é necessário que haja uma capacidade de se formar uma relação de apego segura em idade prematura, a fim de se obter uma base segura externa da realidade e uma base segura interna de si. Com o estabelecimento desta relação existirá uma relação saudável do narcisismo, na forma que o outro é visto como estando presente para garantir a segurança e o conforto, porém poderá surgir uma ruptura ou falta destes relacionamentos, o que leva a consequências de fenómenos narcísicos, onde o sujeito usa-se a si para ser a sua base de segurança (Holmes, 2001).

As exteriorizações da perturbação da personalidade narcisista advêm de uma tensão criada de fatores externos e internos, que se manifestam em carências narcísicas ao nível da identificação, autorreconhecimento e da autoestima (Fuks, 2003).

Kohut (1972) estuda as perturbações narcísicas e explica que no narcisismo os mecanismos de defesa podem nascer por dois caminhos, pela perda ou afastamento de uma das figuras de vínculo ou pela aproximação excessiva. A perda ou afastamento de uma das figuras de vínculo, em idades precoces, pode constituir num trauma que põe em causa a autoestima e o funcionamento psíquico, especialmente quando não existe figuras de vínculo que substituam esta perda. A aproximação excessiva está relacionada com a total satisfação das necessidades narcísicas, isto é, não há abertura a espaço de frustrações que potenciam o desenvolvimento e que garantem uma ligação com a realidade, o que leva mais tarde à ausência da existência de competências contra as contrariedades de situações que minimizem o poder e o domínio do sujeito, exprimindo-se, para a perda de controlo e agressividade ou para isolamento ou fuga. Estes dois caminhos levam a que o sujeito crie estratégias para lidar com angústia de perda de identidade sentida. Estes pontos de vista ajudam a entender o modo de funcionamento dos sujeitos narcísicos quando se deparam com o sucesso alheio, os seus comportamentos perante o sujeito que obtém sucesso são de destruição ou o de silêncio profundo para que o sucesso caia em esquecimento (Fuks, 2003).

Segundo Melanie Klein (1950) e Holmes (2001) a existência do narcisismo destrutivo, está ligado à inveja e ao ódio patológico que levam à tentativa ativa de destruir o outro, tendo sempre presente a valorização do seu Eu, como se o outro fosse inexistente.

Holmes (2001) indica que no narcisismo destrutivo o sujeito sente-se bastante amedrontado pela presença de sujeitos das quais depende e nutre bastante inveja e que para manter a sua posição onipotente, premedita a eliminação destes.

O sujeito com a perturbação da personalidade narcisista ou com traços narcísicos

fortes edifica relações que lhe deem a base de poder que idealiza, e crê que o outro lhe dará grande dedicação, estas relações são fomentadas para que o sujeito narcísico obtenha valorização e se sinta superior (Silva, 2003).

A análise sobre o narcisismo de Gabbard (2001) e de Holmes (2001) indica que existem dois modelos clínicos de narcisistas: os negligentes, que não tem a capacidade de entender os sentimentos dos outros, onde as suas atitudes são de arrogância, de egocentrismo, de exibicionismo e de superioridade; e os hipervigilantes, por sua vez são auto-concentrados, tímidos, inibidos e bastante vulneráveis face a recusa e a apreciação, o estabelecimento de aproximação significa uma intromissão no seu Eu.

Holmes (2001) ainda mencionou que os sujeitos narcísicos apresentam frequentemente um estado ansioso e de insatisfação. Fez a distinção do narcisismo negativo e positivo, contudo estes dois tem em comum a preocupação do Eu do sujeito narcísico, porém o negativo tem o sentimento de ódio em si próprio em vez de amor-próprio.

Temos de diferenciar o egoísmo do narcisismo. Para os sujeitos egoístas o mundo exterior é bastante importante e há propensão para tirar proveito dos objetos, enquanto o narcisista não valoriza o exterior nem os objetos, mas sim vive única exclusivamente para si, mesmo achando o exterior enfadonho e trivial (Wittles et al, 1994). O narcisista considera-se como sendo o mundo exterior, as suas relações com os pares, os seus companheiros, são tratados como objeto, estes servem para sustento da sua autoestima. O narcisista unicamente mantém contato com o mundo exterior para satisfazer o reflexo da sua imagem e vangloriar-se (Casey & Kelly, 2007).

O narcisista ao nível cognitivo, tem a capacidade de se considerar superior, único, e pressupõe que os outros o gabem e lhe atribuam o mesmo valor, quando este não obtém o feedback pretendido fica apreensivo e surpreendido. Este é um dos fatores que leva ao sujeito narcísico a rodear-se de sujeitos inteligentes e com altos cargos que tenham a capacidade de reconhecer o seu mérito (Silva, 2003).

Ao nível sintomatológico o narcisista manifesta-se através de sentimentos de grandeza, egocentrismo extremo, ausência de relações empáticas, inveja, incompreensão e de desprezo pelos seus próprios sentimentos de tristeza e de luto. Este último fator de desprezo é crucial nos narcisistas, pois significa que perante a perda, abandono ou rejeição existam sentimentos de raiva, desejo de vingança e não de tristeza (Silva, 2003).

Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais, DSM 5 (2014), para ser diagnosticado a Perturbação de Personalidade Narcisista é necessário o

seguinte:

“Um padrão de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), necessidade de admiração e falta de empatia que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco ou mais sintomas dos seguintes:

- 1- Tem a sensação grandiosa da própria importância (p. ex. exagera conquistas e talentos, espera ser reconhecido como superior sem que tenha as conquistas correspondentes).*
- 2- É preocupado com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal.*
- 3- Acredita ser “especial” e único e que pode ser somente compreendido por, ou associado a outras pessoas (ou instituições) especiais ou com condições elevada.*
- 4- Demanda admiração excessiva.*
- 5- Apresenta um sentimento de possuir direitos (p. ex. expetativas irracionais de tratamento especialmente de acordo com as próprias expetativas).*
- 6- É explorador em relações interpessoais (p. ex. tira vantagem de outros para atingir os próprios fins).*
- 7- Carece de empatia, reluta em reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e as necessidades dos outros.*
- 8- É frequentemente invejo em relação aos outros ou acredita que os outros o invejam.*
- 9- Demonstra comportamentos ou atitudes arrogantes e insolentes.”*

Para se identificar o narcisismo é necessário entender que por detrás de todas as suas exteriorizações estão sentimentos de vazio, de inferioridade e insignificância (Holmes, 2001). O sujeito narcísico comporta-se como sendo o espetador de si mesmo, este é estimulado pelo pavor do fracasso do que pela aquisição de sucesso, não consentindo a derrota, perda ou ofensa à sua vaidade (Mariani, 2008).

O narcisismo patológico não abrange em excesso de amor-próprio, mas sim na sua falta crónica, conduzindo o indivíduo a executar esforços insaciáveis para comutar essa falta pela admiração externa (Deretti, 2006).

No narcisismo existe uma ambivalência, o sujeito considera-se demasiado importante e nas ocasiões em que a realidade não lhe traz provas disso, aparece o sentimento de não ser nada, este facto motiva a necessidade de constantes confirmações daquilo que idealiza sobre

si (Vaz, 2006).

“O narcisismo é um traço de personalidade que deve ser observado como uma característica quantitativa – quanto maior ou menor a grau de desprendimento em relação ao investimento que retorna do outro em direção ao eu, maior ou menor a dependência pela aceitação e admiração do outro”

(Araújo, 2005).

1.3. Avaliação do Narcisismo

Avaliação do diagnóstico da perturbação da personalidade narcisista é auxiliado pelo Manual de Diagnósticos e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) que nos coadjuva em perceber quais os critérios de diagnóstico, qual o funcionamento do sujeito, bem como a prevalência (APA, 2014).

Os sujeitos que têm personalidade narcisista tende a ter vulnerabilidade na autoestima, são muito sensíveis aos danos resultantes da crítica ou derrota. Porém, em alguns casos, não expõem de forma direta de como ficam assustados com a crítica, onde podem emergir sentimentos relacionados à humilhação, degradação e vazio, estes desbastem como desdém, raiva ou até mesmo com contra-ataque desafiador. Estas experiências levam a retraimento social ou a uma afiguração de humildade que podem camuflar e proteger a grandiosidade. As relações interpessoais habitualmente tendem a ser afetadas devido às questões consequentes da crença do merecimento de privilégios, do carecimento de admiração e da relativa desconsideração das vulnerabilidades dos outros. Os sujeitos narcísicos tendem para uma intolerância às críticas que leva a um comprometimento da execução dos seus afazeres.

Sentimentos de vergonha, humilhação e autocrítica podem estar ligadas com o retraimento social, ao humor depressivo e a perturbações depressivas persistentes ou a perturbação depressiva major, por outro lado, temos associação com o humor hipomaníaco, este quando existe é sustentado de grandiosidade. A perturbação de personalidade narcisista elabora por vezes com outros problemas, tais como a anorexia nervosa e a perturbações por uso de substâncias, perturbações da personalidade histriónica, borderline, antissocial e paranoide. Esta perturbação tem uma prevalência de 0 a 6,2% na amostra da comunidade, estes valores são referenciados no DSM-IV. Temos de ter em conta as percentagens da prevalência dos géneros, que são de 50 a 75% dos sujeitos do sexo masculino (APA, 2014).

Para complementar a avaliação da perturbação da personalidade narcisista são

utilizados alguns instrumentos, dos quais salientamos o NPI-40, instrumento este que vamos descrever no próximo ponto.

1.3.1. O Narcissistic Personality Inventory - NPI

O NPI foi desenvolvido por Raskin & Hall (1979) utilizando os critérios do DSM-III para o distúrbio de personalidade narcisista. Os itens dicotômicos que representam o narcisismo eram conduzidos por alunos de pós-graduações onde verificavam a consistência interna e a estratégia de correlação de cada item-total utilizado. Do estudo desta escala narcísica resulta de uma publicação onde é produzido um instrumento de 54 itens, onde cada item é um par de afirmações, onde uma das afirmações é considerada narcisista e a outra não, exemplo: A – Prefiro misturar-me com a multidão; B - Eu gosto de ser o centro das atenções. Neste caso afirmação B é considerada a escolha narcísica (Raskin & Hall cit in Kubarcych, Deary, Austin, 2004).

Raskin e Terry (1988) melhoraram o instrumento NPI, mas argumentam que o NPI não leva em conta todas as dimensões centrais do narcisismo e analisaram as dimensões centrais, este estudo exigiu esforços contínuos para melhorar a escala.

O NPI-40 foi criado por Raskin e Hall (1979), este instrumento consiste num questionário de autorrelato, com escolha forçada, que tem como objetivo avaliar o narcisismo enquanto característica da personalidade. Este questionário é composto por 40 itens, sendo que cada um é composto por duas afirmações, uma de caráter não narcísico e outra de caráter narcísico. O caráter narcísico é composto por 7 componentes de narcisismo, que são: a autoridade, autossuficiência, a superioridade, o exibicionismo, a dominância, a vaidade e o intitlamento. A cada item de narcisismo é atribuído um ponto, quando o item selecionado por o sujeito não é narcísico não existe atribuição de pontuação. A pontuação total que é possível obter é de 40 pontos. A interpretação dos resultados pode apontar para que haja um funcionamento narcísico patológico, porém não existe consenso para este instrumento (Corry et al, 2008).

Apesar de várias versões do NPI estarem disponíveis, a versão dos 40 itens do NPI foi utilizada para correlacionar com a versão original dos 54 itens, esta versão de 40 itens é a versão mais amplamente utilizada nas investigações no quotidiano (Raskin & Hall cit in Kubarcych, Deary, Austin, 2004).

Raskin e Terry (1988) analisam o estudo que Emmons fez sobre a análise do NPI, e

argumentam que vários itens tem o mesmo peso em diferentes fatores. Os Autores examinaram as características de resposta dos 54 – itens do NPI para determinar se cada componente examinado corresponde ao item como características de resposta. Existiu uma redução dos 54 itens para um total de 40 itens no NPI que se correlacionou 0,98. Os autores indicam que esta redução esta correlacionada com o tempo, a instabilidade e o tamanho que o instrumento tinha quando é aplicado com os 54 itens. Quando a escala dos 40 itens foi aplicada verificaram que existiu uma resolução e uma melhora nos resultados e aplicação do instrumento.

1.3.2 A Solução dos Sete Fatores

O DSM-III teve oito dimensões comportamentais sob perturbação de personalidade narcisista, Raskin e Terry (1988) procuraram aproximadamente oito dimensões. Os autores extraíram sete dimensões correspondendo a 52% da variância. As sete dimensões foram: Autoridade, " Eu tenho um talento natural para influenciar as pessoas "; Exibicionismo, por exemplo, " Eu normalmente exibio-me quando tenho hipótese "; Superioridade, por exemplo, " Eu sou uma pessoa extraordinária "; intitlamento, por exemplo, " Eu nunca estarei satisfeito até receber tudo o que mereço "; dominância, por exemplo, " Acho que é fácil manipular as pessoas "; Autossuficiência, por exemplo, " Eu tento aceitar as consequências do meu comportamento "; e Vaidade, por exemplo, " Eu gosto de mostrar meu corpo ".

As correlações fatoriais variaram de 0,11 entre autossuficiência e Vaidade para 0,42 entre autoridade e exibicionismo. Esta solução é a menos utilizada.

1.3.3 - A Solução de Quatro Fatores

Emmons (1984) realizou uma análise de componentes principais, com rotação Varimax sobre os 54 itens do NPI e extraiu quatro componentes aos quais chamou de Liderança/Autoridade (LA), Superioridade/Arrogância (SA), Auto absorção/autoadmiração (SS) e Violência/ Titularidade (EE). Os resultados baseiam nas dicotomias dos itens e foram considerados instáveis devido a divisões extremas de itens. Em 1987, Emmons realizou um segundo estudo utilizando os principais eixos da análise dos fatores numa amostra diferente.

Dos mesmos fatores estudados surge em cada um dos fatores correlações que são: 0,16 (LA-SS), 0,57 (LA-SA), 0,40 (SS-SA), 0,45 (LA-EE), 0,40 (SS-EE) e 0,44 (SA-EE), os Alfas de Cronbach foram de 0,69 (LA); 0,81 (SS); 0,70 (SA); 0,68 (EE). Para este autor as escolhas das afirmações narcísicas para o fator de Liderança / Autoridade fator são: " Eu me vejo como um bom líder, " " Eu realmente gostaria de ser o centro das atenções, " e " Gostaria

estar disposto a descrever-me como uma personalidade forte. " ; No fator de Auto absorção/ autoadmiração são: " Eu gosto de olhar para mim ao espelho, " " Eu acho que sou uma pessoa especial, " e " Eu vou ser uma grande pessoa. "; No fator de Superioridade/Arrogância são: 'Eu costumo dominar qualquer conversa, " " As pessoas podem aprender muito comigo, " e " Eu sempre sei o que eu estou a fazer. "; No fator Violência / Titularidade são: " Espero muito das outras pessoas, " " Insisto em conseguir o respeito que me é devido " e Quando estou em público fico chateado se os outros não repararem em mim. ". Para Emmons o fator Violência/ titularidade é o fator que mais se relaciona com os comportamentos desajustados e com a psicopatologia (Emmons, 1984 cit in Kubarcych, Deary, Austin, 2004). Este fator tem uma correlação significativa com comportamentos maquiavélicos (McHoskey de 1995), crenças irracionais (Watson & Morris, 1991), uma baixa capacidade emocional e cognitiva, empatia, baixa autoestima, elevada angústia (Watson, Little, Sawrite, e Biderman, 1992), com variabilidade humor e intensidade (Emmons, 1987). As correlações da Superioridade/ Arrogância estão relacionadas com o humor, mas não com a intensidade. Emmons, 1987 depara-se com a maior correlação encontrada para o score total da escala, que foi com a escala do egoísmo. Emmons considera esta uma medida de narcisismo cognitivo normal. O fator de liderança/autoridade foi criado para medir a forma mais adaptativa do narcisismo (Watson et al., 1992 cit in Kubarcych, Deary, Austin, 2004).

1.3.4 A Solução dos Três Fatores.

A solução dos três fatores foi obtida por um estudo com uma longa duração temporal esta investigação serviu para a identificação das propriedades psicométricas do NPI. Nesta investigação realizaram quatro estudos com uma amostra de 19001 (64 % Mulheres, entre 18 e 21 anos) estudantes de uma universidade da Califórnia. Num dos estudos foi elaborada uma análise exploratória que reconheceu três fatores a Liderança/Autoridade associados com a mais capacidade de ser líder e menos exploração; a Grandiosidade/Exibicionismo relacionados com a vaidade, superioridade; a Autovalorizarão/ Exploração associados com as noções de merecimento de atenção e manipulação. Outros estudos tiveram por base investigar a associação de constructos como a psicopatia, autoestima, controle e até mesmo as características do modelo do Big five. Como resultado em correspondência ao instrumento, foi exequível discriminar que o fator Liderança/Autoridade coliga com aspetos positivos de capacidade de orientar, liderar, de capacidade social, autoestima e persistência, enquanto a Grandiosidade/ Exibicionismo apresenta uma associação com uma intensa grandiosidade e

superioridade, por fim a Autovalorização/Exploração coliga com aspetos mais negativos, como tendência antissocial, exploração e capacidade de manipulação (Ackerman et al, 2011).

1.4 Estudos com o NPI

Existe uma crença generalizada de que os homens são mais narcisistas que as mulheres, contudo, não houve nenhuma revisão sistemática para estabelecer a magnitude, a variabilidade entre as diferenças de medidas entre os géneros (Grijalva, E. Newman, D; Donnellan, M; Harms, M; Robins, R. & Yan, T, 2014).

Segundo Grijalva e colaboradores (2014), que realizaram uma meta-análise para analisar as diferenças de género no narcisismo entre os anos 1990 e 2013, com base na abordagem biossocial à teoria do papel social, que os homens tendem a ser mais narcisistas do que as mulheres (d Cohen médio = 0,26; k = 355 estudos; N = 470.846). Esta diferença de género manteve-se estável ao longo do tempo (1990-2013) e em diferentes faixas etárias. Neste estudo os investigadores também analisaram as diferenças de género com o instrumento NPI, utilizando o modelo de três fatores, tendo verificado que a diferença de narcisismo no género é impulsionada pela faceta do Direito à Exploração (d médio = 0,29; K = 44 estudos; N = 44.108) e Liderança / Autoridade (d médio = 0,20 ; k = 40 estudos , n = 44.739).

Tschanz e colaboradores (1998) observaram que a maioria dos traços de narcisismo estão associados ao Direito à Exploração. No entanto, os autores destacam um número de problemas relacionados com a investigação, como por exemplo o facto das mulheres desta amostra pertencerem a uma comunidade de mórmon, onde se encorajam as mulheres de assumir o papel mais tradicional, isto é o comportamento comum (Tschanz et al, 1998). Apesar das preocupações com a capacidade do NPI em medir com precisão o narcisismo nas mulheres, esta investigação sugere que não é só o Narcisismo que tem aumentando por si só, estes indicam que as mulheres estão com mais encargos e mais responsabilidades. Outros autores, indicam que a partir de 1980 os níveis de narcisismo nas mulheres têm se desenvolvido a uma velocidade superior em comparação com as pontuações registadas para os homens (Twenge, 1997; Twenge et al, 2008).

Twenge e Foster (2008) investigaram os scores do NPI entre os anos de 2002 e 2008 numa amostra de 9,969 americanos de etnia Asiáticos em comparação com 10,658 americanos brancos, hispânicos e africanos e identificaram que a média para os estudantes

asiáticos foi significativamente menor ($M= 13.75$; $DP=6.85$) que o outro grupo ($M= 15.97$; $DP= 6.78$), afirmando assim as diferenças culturais.

Um estudo com uma amostra de 338 (174 são do sexo masculino e 164 do sexo feminino) universitários numa universidade da Escócia, que eram maioritariamente caucasianos e tinham idades compreendidas entre os 18 e 22 anos, revelou a existência de 3 fatores do instrumento: poder, exibicionismo e ser uma pessoa especial que se traduz em 27% da variância. Ambas as análises fatoriais exploratórias e confirmatórias sugerem que assim o NPI tem uma estrutura de fator multidimensional. Os scores do narcisismo estão associados com a alta extroversão, com a baixa agradabilidade e alta abertura a experiência do instrumento BFI. Neste estudo o alfa de Cronbach foi de 0.85, o que denota que o NPI pode ser aproveitado como uma medida total confiável de construção pretendida (Kubarychas, Deary & Austin, 2004).

Em 2008, Corry, Merritt, Mrug e Pamp, realizaram um estudo para a análise dos fatores do NPI, este estudo teve uma amostra de 1686, dos quais 843 eram mulheres e 843 eram homens americanos. Neste estudo os investigadores identificaram dois fatores, a Liderança e Autoridade e o Exibicionismo e Auto valorização. Foram testadas as soluções, com o número variável de componentes, por exemplo com 2 fatores (Kubarychas, Deary & Austin, 2004), 3 fatores (Kubarychas, Deary & Austin, 2004), 4 fatores (Emmons, 1984) e 7 fatores (Raskin & Terry, 1988), esta última solução de 7 fatores tem vindo a ser abandonada para ser permutada por modelos com menos fatores.

A importância desta investigação tem a ver com a determinação da estrutura mais adequada para o NPI, de forma a avaliar o constructo do narcisismo avaliado pelo NPI.

1.5. Objetivo

O objetivo geral deste estudo é determinar qual a estrutura fatorial mais adequada ao NPI, a nível do seu número de dimensões. Como objetivos mais específicos propomo-nos igualmente analisar a consistência interna das dimensões apuradas (fiabilidade), bem como as correlações entre as dimensões do instrumento, e determinar se a nível das componentes apuradas, as relações com as dimensões da personalidade habitualmente encontradas se mantêm.

CAPÍTULO II – MÉTODO

2.1. Amostra.

Participaram neste trabalho 200 indivíduos de ambos os sexos, com idades entre os 18 e os 55 anos ($M=34.78$, $DP=8.99$). A maioria dos participantes era do sexo feminino (66.5%), casados ou em união de facto (64.5%), com frequência universitária (30.5%) ou licenciatura concluída (28.5%) e católicos (66.5%). (ver Tabela 1).

A amostra foi do tipo de conveniência, não havendo critérios específicos de inclusão ou exclusão. A recolha da amostra decorreu entre os meses de Fevereiro e Junho de 2015. A participação foi voluntária e os participantes deram o seu consentimento informado.

Tabela 1 – Características demográficas da amostra (N=200)

	N	%
Sexo		
Masculino	67	33.5
Feminino	133	66.5
Estado Civil		
Solteiro	43	21.5
Casado/UF	129	64.5
Separado/Divorciado	28	14.0
Religião		
Sem Religião	52	26.0
Católica	133	66.5
Outra	15	7.5
Escolaridade		
Secundário incompleto	21	10.5
Secundário completo	40	20.0
Frequência Universitária	61	30.5
Licenciatura	51	25.5
Mestrado ou superior	27	13.0

2.2. Instrumentos

No estudo foi utilizado o protocolo da avaliação psicológica que inclui não só a recolha de dados sociodemográficos dos participantes (Anexo A) bem como o instrumento de

avaliação NPI – 40, Inventário de Personalidade Narcísica (Anexo B). e o questionário BFI - Escala de Dimensões da Personalidade (Anexo C).

Questionário de dados sociodemográficos. O questionário foi elaborado para recolher dados referentes ao sexo, idade, escolaridade, trabalho, nacionalidade, crenças religiosa e estado civil.

NPI - Narcissistic Personality Inventory. O NPI (Raskin & Hall, 1979) é um questionário de autorrelato, que foi desenvolvido para avaliar o narcisismo como característica da personalidade. Cada item é constituído por um par de afirmações narcisista e não narcisista. Apesar de várias versões do NPI estarem disponíveis, a versão dos 40 itens do NPI foi utilizada para correlacionar com a versão original dos 54 itens, sendo esta versão de 40 itens a mais amplamente utilizada nas investigações no quotidiano (Raskin & Hall, 1988) e a utilizada no nosso estudo. O carater narcísico é composto por 7 componentes, nomeadamente a autoridade, autossuficiência, a superioridade, o exibicionismo, a dominância, a vaidade e o intitlamento. A cada item de narcisismo é atribuído um ponto, quando o item selecionado por o sujeito não é narcísico não existe atribuição de pontuação. A pontuação total que é possível obter varia assim entre 0 e 40 pontos. A interpretação dos resultados pode apontar para que haja um funcionamento narcísico patológico, porém não existe consenso para um valor de corte definitivo (Corry et al, 2008). No estudo original a consistência interna foi de 0.83 para o instrumento em geral. A consistência interna de cada fator corresponde a: 0.73 para a autoridade; 0.63 para o exibicionismo; 0.54 para a superioridade; 0.50 para o intitlamento; 0.52 para a dominação; 0.50 para autossuficiência e 0.50 para a vaidade⁶.

BFI- Escala de Dimensões da Personalidade. A Escala de Dimensões da Personalidade (BFI) é uma escala é constituída por 44 itens, numa escala tipo Lickert de cinco pontos, com a possibilidade de resposta entre “*Discordo Fortemente*” – (1) e “*Concordo Fortemente*” – (5), tendo sido invertidos 16 itens (2, 6, 8, 9, 12, 18, 21, 23, 24, 27, 31, 34, 35, 37, 41 e 43) e abrange os cinco fatores da personalidade descritos por Costa e McRae (1988), a saber:

I - Extroversão (fator 1) – é caracterizado por emoções positivas e pela procura de estimulação e companhia dos outros e inclui oito itens: 1, 6R, 11, 16, 21R, 26, 31R, 36;

⁶ São referidos os valores para a versão de sete fatores, uma vez que as versões com número mais reduzido de fatores não são coincidentes nos itens que as compõem.

II –Agradabilidade (fator 2) – é a predisposição para ser compassivo e cooperante, em vez de suspeito face aos outros e inclui os nove itens: 2R, 7, 12R, 17, 22, 27R, 32, 37R, 42;

III - Conscienciosidade (fator 3) – é a direção para demonstrar autodisciplina, agir diligentemente para atingir os objetivos através de comportamentos planeados. Este fator é composto por nove itens: 3, 8R, 13, 18R, 23R, 28, 33, 38, 43R;

IV - Neuroticismo (fator 4) – é a tendência vivenciar emoções negativas, tais como a raiva, ansiedade ou depressão, e é composta por oito itens: 4, 9R, 14, 19, 24R, 29, 34R, 39;

V - Abertura a experiência (fator 5) – é a importância e interesse pela arte, emoção, aventura, ideias fora do comum, imaginação, curiosidade e variedade de experiências. É composto por dez itens: 5, 10, 15, 20, 25, 30, 35R, 40, 41R, 44.

Análise da consistência interna revelou um coeficiente de alfa de Cronbach de .83 para a escala total e de .86 para o fator 1, de .79 para o fator 2, de .92 para o fator 3, de .87 para o fator 4 e de .83 para o fator 5. O BFI tem em numerosos estudos apresentado uma correlação positiva e significativa com outros instrumentos de avaliação da personalidade (Jonh et al, 1991; 2008).

2.3. Procedimento

Em primeiro lugar, realizou-se a tradução de inglês para português por um especialista em tradução e por um doutorado em psicologia, no final desta foi novamente traduzido para inglês para se entender quais as alterações semânticas necessárias a uma melhor compreensão e assimilação e assim novamente para a versão final em português. Este instrumento antes de se ser utilizado foi aplicado a um grupo controle de sujeitos (n= 10) com características semelhantes com a amostra do presente estudo, ao que se verificou que estava adotado para aplicação no estudo.

A recolha da amostra ocorreu entre os meses de fevereiro e junho de 2015, através do preenchimento online (n = 132) e em formato presencial⁷, tendo sido aplicado a indivíduos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e 55 anos. Após a informação sobre o tema do estudo, garantia de anonimato, confidencialidade dos dados recolhidos e obtenção do consentimento informado os participantes preenchiam o protocolo, sendo a sua duração média de 20 minutos.

⁷ Usámos os dois métodos, uma vez que Gosling, Vazire, Srivastava & John (2004) demonstraram a equivalência entre os resultados obtidos pelos dois métodos.

CAPÍTULO III – RESULTADOS

3.1. Estrutura Fatorial do NPI

Em face do exposto na parte teórica, foram efetuadas análises fatoriais exploratórias aos 40 itens do NPI, pelo método dos componentes principais. Foram testadas especificamente soluções com dois, três e quatro componentes, para deste modo se poder avaliar a estrutura fatorial resultante, no sentido de ser feita a sua comparação. Não testamos a estrutura dos sete componentes porque os estudos mais recentes apontam para uma maior eficácia com um conjunto menor de dimensões, como atrás referimos, tendo sido, portanto, feita a avaliação das estruturas com dois, três e quatro componentes. Foi utilizada em todas o método de rotação Varimax⁸.

Os resultados das três análises fatoriais estão representados na Tabela 2 (2 fatores), Tabela 3 (3 fatores) e Tabela 4 (4 fatores).

Podemos observar que as estruturas obtidas estão de acordo com as diversas versões propostas na literatura, pelo que não se procedeu à eliminação de nenhuma delas, tendo sido consideradas as três para a nossa comparação.

Assim, na solução de dois fatores podemos observar dois componentes, o primeiro com 15 itens e o segundo com 12. Na solução de três fatores, existem três componentes, com onze, sete e seis itens, respetivamente, enquanto no último caso, com quatro componentes, o número de itens que os compõem são de catorze, cinco, seis e cinco, respetivamente.

⁸ Embora na maioria dos estudos com estas características se use a rotação PROMAX, neste estudo foi escolhido o método VARIMAX uma vez que não se justificava um carácter totalmente exploratório.

Tabela 2 – Resultados da análise fatorial para uma solução de 2 componentes

	Fatores	
	1	2
NPI30	.634	.258
NPI7	.611	.164
NPI20	.596	.200
NPI27	.592	.343
NPI25	.555	-.053
NPI38	.546	-.053
NPI39	.536	.059
NPI33	.521	.349
NPI2	.507	.179
NPI36	.484	.437
NPI14	.449	-.373
NPI37	.447	.158
NPI13	.446	.239
NPI17	.412	-.154
NPI8	.410	.279
NPI26	.348	.313
NPI4	.329	.219
NPI6	.273	.262
NPI24	.273	-.107
NPI3	.269	.122
NPI10	.262	.608
NPI11	-.001	.530
NPI19	-.049	.515
NPI40	.210	.479
NPI15	.137	.469
NPI21	-.195	.468
NPI32	.389	.465
NPI35	.195	.458
NPI12	.388	.440
NPI1	.145	.430
NPI22	-.256	.426
NPI9	.328	.402
NPI16	.093	.399
NPI28	.148	.387
NPI5	.165	.365
NPI23	-.043	.334
NPI18	.276	.310
NPI29	.281	.286
NPI31	.206	.272
NPI34	.050	.159

Nota: Valores superiores a .40 em **negrito**

Tabela 3 – Resultados da análise fatorial para uma solução de 3 componentes

	Fatores		
	1	2	3
NPI30	.647	.078	.353
NPI20	.637	-.007	.325
NPI7	.580	.009	.373
NPI15	.573	.133	-.186
NPI19	.513	.142	-.369
NPI29	.508	.045	.028
NPI32	.486	.345	.132
NPI33	.461	.297	.305
NPI26	.459	.160	.121
NPI40	.458	.290	-.053
NPI18	.454	.122	.045
NPI23	.382	.041	-.275
NPI9	.376	.334	.126
NPI4	.371	.113	.155
NPI28	.361	.231	-.062
NPI3	.316	.011	.129
NPI8	.299	.297	.270
NPI11	-.010	.664	-.068
NPI10	.312	.611	.057
NPI16	-.060	.600	.077
NPI36	.295	.537	.332
NPI21	-.047	.515	-.256
NPI12	.389	.402	.181
NPI5	.153	.402	.059
NPI1	.235	.397	-.011
NPI35	.307	.393	.006
NPI13	.163	.391	.380
NPI31	.068	.387	.157
NPI22	.017	.371	-.347
NPI6	.230	.264	.155
NPI34	.083	.148	-.007
NPI39	.000	.367	.581
NPI14	-.057	-.163	.572
NPI25	.151	.101	.545
NPI17	.020	.018	.464
NPI38	.311	-.050	.459
NPI27	.385	.398	.420
NPI2	.320	.207	.380
NPI37	.191	.267	.379
NPI24	.011	.007	.309

Nota: Valores superiores a .40 em **negrito**

Tabela 4 – Resultados da análise fatorial para uma solução de 4 componentes

	Fatores			
	1	2	3	4
NPI33	.648	.226	.115	-.015
NPI27	.630	.358	.050	.094
NPI12	.622	.118	.067	.118
NPI32	.612	.081	.188	.088
NPI10	.550	.053	.070	.414
NPI8	.546	.194	-.008	.017
NPI36	.544	.317	.035	.309
NPI40	.493	-.080	.240	.114
NPI18	.477	-.015	.213	-.087
NPI28	.452	-.110	.138	.044
NPI1	.438	-.040	.022	.218
NPI9	.425	.124	.198	.188
NPI2	.417	.344	.104	.008
NPI26	.405	.104	.285	.015
NPI35	.390	.013	.151	.273
NPI29	.382	.001	.345	-.089
NPI39	.162	.621	-.065	.297
NPI25	.140	.563	.092	.035
NPI14	.019	.526	-.128	-.260
NPI17	-.071	.516	.081	.061
NPI38	.048	.514	.341	-.026
NPI37	.246	.398	.091	.176
NPI13	.332	.387	.010	.253
NPI24	.020	.314	-.004	-.018
NPI15	.190	-.101	.605	.200
NPI20	.285	.366	.574	-.052
NPI30	.362	.386	.541	-.006
NPI19	.201	-.305	.524	.194
NPI7	.263	.414	.522	-.035
NPI4	.033	.263	.467	.220
NPI23	.104	-.224	.414	.100
NPI3	.059	.186	.355	.059
NPI21	-.056	-.123	.093	.676
NPI16	.155	.149	-.083	.596
NPI22	-.121	-.210	.200	.574
NPI11	.405	-.078	-.210	.501
NPI31	.080	.240	.098	.428
NPI5	.244	.094	.076	.348
NPI6	.168	.209	.207	.257
NPI34	.060	.025	.087	.161

Nota: Valores superiores a .40 em **negrito**

Face aos resultados obtidos, a nossa escolha recaiu na solução de três fatores. Apesar de qualquer uma das três soluções poder ser adotada, a nossa escolha ficou a dever-se ao número equilibrado de itens que a solução de três fatores inclui em cada componente, uma vez que a solução de quatro fatores apresentava um primeiro componente com um número de itens bastante superior aos dos outros três, o que poderia provocar problemas posteriores a nível do equilíbrio psicométrico da escala.

Por outro lado, um segundo critério, igualmente decisivo na escolha da solução de três fatores teve a ver com o facto de ser a única onde não se verificou sobreposição de itens, já que no modelo de dois fatores, o item 36 apresenta saturações superiores a .40 em ambos os componentes e na solução de quatro fatores, o item 10 satura no primeiro e quarto fatores, o item 7 no segundo e terceiro fatores e o item 11 no primeiro e quarto fatores. Nesse sentido, e uma vez que a solução de três fatores não apresentou nenhum item que tivesse uma saturação superior a .40 em mais de um fator, foi por nós escolhida como sendo a mais adequada.

Deste modo, de aqui em diante, será utilizada a solução obtida com os três componentes, aos quais correspondem os constructos teóricos de Grandiosidade (primeiro fator obtido), Liderança e Autoridade (segundo fator) e Direito à Exploração (terceiro fator).

3.2. Valores descritivos e consistência interna

Na Tabela 5 estão os valores descritivos das três dimensões do NPI e da escala total, para a totalidade da amostra e para cada um dos sexos, assim como o valor do alpha de Cronbach.

Podemos observar que o valor da consistência interna para a escala total é de .833, o qual se considera bom. Relativamente às subescalas, o valor do seu alpha de Cronbach é inferior, sendo considerado aceitável, embora se deva levar em conta que as novas dimensões possuem um número de itens inferior aos das dimensões originais. No sexo masculino observam-se valores médios significativamente superiores nas dimensões de Liderança e Autoridade ($t(198) = 3.13, p < .01$) e Grandiosidade ($t(198) = 2.12, p < .05$). Na dimensão Direito à Exploração o sexo masculino também apresenta resultados superiores, mas essa diferença não é significativa. Voltam a observar-se valores médios superiores para o sexo masculino para a totalidade da escala ($t(198) = 3.10, p < .01$).

Tabela 5 – Descritivas para a amostra total e por sexo para as dimensões do NPI

	Total		Masculino		Feminino		<i>t</i> (198)	<i>p</i>	α
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Liderança Autor.	4.05	2.88	4.93	2.89	3.60	2.79	3.13	.002	.708
Grandiosidade	3.23	2.35	3.72	2.58	2.98	2.19	2.12	.035	.789
Exploração	1.04	1.07	1.19	1.23	.96	.97	1.45	.149	.665
Narcisismo Total	8.31	5.05	9.84	5.62	7.54	4.57	3.10	.002	.833

3.3. Correlações

Em seguida foram calculadas as intercorrelações entre as três dimensões do NPI e de cada uma delas com a escala total (ver Tabela 6). Podemos observar que a Liderança e Autoridade apresenta uma correlação moderada a forte com a Grandiosidade ($r = .566$, $p < .01$) e fraca a moderada com o Direito à Exploração ($r = .258$, $p < .01$). Por sua vez, esta dimensão apresenta uma correlação semelhante com a Grandiosidade ($r = .258$, $p < .01$).

Quanto às correlações com a escala total, verificamos que o Direito à Exploração apresenta um valor positivo e moderado ($r = .476$, $p < .01$), enquanto as duas outras dimensões apresentam valores de correlação fortes, ($r = .889$, $p < .01$) e ($r = .841$, $p < .01$) para a Liderança e Autoridade e Grandiosidade, respetivamente.

Tabela 6 – Intercorrelações entre os fatores do NPI

	Grandiosidade	Exploração	Narcisismo Total
Liderança Autoridade	.566**	.258**	.889**
Grandiosidade		.258**	.841**
Exploração			.476**

Nota: ** $p < .001$

As relações entre as três dimensões apuradas do NPI e as cinco dimensões do BFI estão representadas na Tabela 7. Podemos observar que a Liderança e Autoridade se correlaciona com a Extroversão ($r = .404$, $p < .01$) e com a Abertura à Experiência ($r = .374$, $p < .01$), de forma moderada e positiva, e com o Neuroticismo, de forma fraca e inversa ($r = -.244$, $p < .01$). Um padrão semelhante pode ser observado na Grandiosidade, uma vez que apresenta correlações positivas, fracas a moderadas com a Extroversão ($r = .335$, $p < .01$) e Abertura à Experiência ($r = .196$, $p < .01$). Finalmente, o Direito à Exploração correlaciona-se

de modo inverso com a Agradabilidade ($r = -.295$, $p < .01$) e direto com o Neuroticismo ($r = .163$, $p < .05$).

Tabela 7 – Correlações entre os fatores do NPI e do BFI

	Extroversão	Agradabilidade	Conscienc.	Neuroticismo	Abertura
Lider_Autor	.404**	-.014	.131	-.244**	.374**
Grandiosidade	.335**	-.036	.068	-.104	.196**
Exploração	.052	-.295**	-.122	.163*	-.003

Nota * $p < .05$, ** $p < .01$

CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO

Como referido atrás foram feitas três análises fatoriais com soluções de dois, três e quatro fatores, as quais mostraram que qualquer das estruturas testadas estava de acordo com as diversas versões propostas na literatura. Verificamos que na solução de dois fatores podemos observar dois componentes, o primeiro com 15 itens e o segundo com 12. Na solução de três fatores, existem três componentes, com onze, sete e seis itens, respetivamente, enquanto no último caso, com quatro componentes, o número de itens que os compõem são de catorze, cinco, seis e cinco, respetivamente. A nossa escolha, como já foi dito, ficou a dever-se ao número equilibrado de itens que a solução de três fatores inclui em cada componente e também por ser a única onde não se verificaram sobreposição de itens.

Com a solução por nós proposta, verificamos que quer as três dimensões quer a escala total resultante, com 24 itens apresentaram consistência interna moderada a boa, com valores do alfa de Cronbach entre .665 e .798 para as três dimensões e de .833 para a escala total, valores que se aproximam bastante dos obtidos por (Kubarychas, Deary & Austin, 2004), sendo apenas o valor total ligeiramente superior ($\alpha = .85$).

Por outro lado, as relações entre as três dimensões apuradas do NPI, bem como o valor total da escala e as cinco dimensões do BFI seguiram um padrão idêntico ao que foi observado em estudos anteriores (Ackerman et al., 201; Kubarychas et al., 2004), onde os scores mais elevados do narcisismo estavam associados com altos valores de extroversão e abertura à experiência e baixa agradabilidade. A nível das dimensões, verifica-se que a Liderança e Autoridade correlaciona-se de forma moderada e positiva com a Extroversão e Abertura à Experiência e de forma inversa com o Neuroticismo. Quanto à Grandiosidade, também apresenta uma correlação moderada e positiva com a Extroversão, enquanto o Direito à Exploração, apresenta relações significativas com a Agradabilidade e Neuroticismo, ambas moderadas e de carácter negativo, o que na sua generalidade está de acordo com os resultados obtidos por Kubarychas e colaboradores (2004) que verificaram que os valores mais elevados do narcisismo estão associados com a alta extroversão, a baixa agradabilidade e elevada abertura à experiência.

Por outro lado, os nossos resultados também apontam para valores mais elevados do narcisismo no género masculino, não só no score total mas também nas dimensões de Grandiosidade e Liderança e Autoridade, o que já tinha sido observado por Grijalva et al (2014).

CAPÍTULO V - CONCLUSÃO

Diversos estudos internacionais têm identificado, ao longo do tempo, um aumento significativo nas médias totais do narcisismo, evidenciando que a característica narcisista tem assumido uma relevância nos aspetos da personalidade, o que nos indica para um individualismo e necessidade da gratificação pessoal (Twenge, Konrath, Foster, Campell & Bushman, 2008). Com esta tendência de crescimento é necessário que exista um instrumento que vá ao encontro das necessidades sentidas e por esta razão foi elaborada a análise fatorial do instrumento NPI-40, o qual é um dos instrumentos atualmente mais utilizados na avaliação da personalidade narcisica, como o demonstra o largo número de artigos publicados. Contudo, verificava-se alguma discrepância relativamente à sua estrutura fatorial, sendo este estudo uma tentativa para suprir essa lacuna

Concluimos que a versão por nós apresentada, com uma solução de três fatores tem boas propriedades psicométricas e que em termos conceptuais está de acordo com o postulado por Raskin e Terry, (1988), e que poderá servir de base para futuras utilizações da escala, não só ao nível académico, mas igualmente na pratica clínica.

Nesse sentido, sugere-se então, que este estudo seja replicado numa amostra portuguesa com uma amostra superior à do nosso estudo, pois esta foi uma limitação na nossa análise, e que esta seja recolhido ao nível continental e ilhas, para ser uma análise mais consistente. Cabe ainda ressaltar que os dados são limitados a uma amostra com adultos, sugere-se também que possam ser aplicados, como por exemplo, a adolescentes afim de se puder analisar se já existe uma disposição para o surgimento dos traços narcísicos.

REFERÊNCIAS

- Ackerman R.A., Witt A., Donnellan¹ M., Trzesniewski² H., Robins W., & Kashy (2011). *What Does the Narcissistic Personality Inventory Really Measure?* Assessment 18 (1) 67 – 87. DOI: 10.1177/1073191110382845
- Adorno, T.W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J., Sanford, R. N. (1973). *The Authoritarian Personality*. Nova Iorque, Harper – Trad. Dante Moreira Leite & Miriam L. Moreira Leite (1973). Ed. 4 São Paulo, Pioneira pp. 302-303.
- Allport, G. W. (1966). *Personalidade padrões e desenvolvimento*. São Paulo: Herder; Editora da Universidade de São Paulo.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (1997) *Psychological Testing*. Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas. doi.org/10.1590/S1516-44462000000400013
- Argollo, N., Bueno, O., Shayer, B., Godinho, K., Abreu, K., Durán, P., Assis, A., Lima, F., Silva T., Guimarães, J., Carvalho, R., Moura, I., Seabra, A. (2009). Adaptação transcultural da Bateria NEPSY - avaliação neuropsicológica do desenvolvimento: estudo-piloto. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 69-75.
- Bernaudo, J. (1998). *Métodos de Avaliação de Personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- Carver, C.S., Sutton, S.K. & Scheier, M. F. (2000). *Action, Emotion, and Personality Emerging Conceptual Integration*. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29 pp 741-751
- Buss, D. M., & Chiodo, L. M. (1991). Narcissistic acts in everyday life. *Journal of Personality*, 59, 179–215. doi: 10.1111/j.1467-6494.1991.tb00773.x
- Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2002). Narcissism and commitment in romantic relationships: An investment model analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 484–495. doi:10.1177/0146167202287006
- Campbell, W. K., Foster, C. A., & Finkel, E. J. (2002). Does self-love lead to love for others? *Arch Gen Psychiatry*. Dec; 50(12). Review.
- Cloninger, C.R. & Svrakic, D.M. (1993). *Arch Gen Psychiatry*. Dec; 50(12). Review.
- Corry, N; Merrit, R. D; Mrug, S. & Pamp, B. (2008). The factor structure of the Narcissistic Personality Inventory, *Journal of Personality and Assessment*, 90 (6),593-600. DOI: 10.1177/1073191110382845.

- Costa, P. T., Jr., Terracciano, A., & McCrae, R. R. (2001). Gender differences in personality traits across cultures: Robust and surprising findings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 317-331. doi:10.1037/0022-3514.81.2.317
- Costa, P. T., Jr., & Widiger, T. A. (2002). *Introduction: Personality disorders and the factor model of personality*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Costa, P. T. & McCrae, R. R. (1988). *From catalog to classification: Murray's needs and the Five-Factor Model of Personality*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Costa, P. T., Jr., & Widiger, T. A. (1993). Introduction. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Personality disorders and the Five-Factor Model of Personality* (pp. 1-10). Washington, DC: American Psychological Association.
- Crochík, J. L. A. (1990). A Personalidade Narcisista segundo a Escola de Frankfurt e a Ideologia da Racionalidade Tecnológica. *Psicologia-USP, São Paulo*, 1 (2): 141-154.
- Diehl M, Owen SK, Youngblade LM. (2004). Agency and communion attributes in adults spontaneous self-representations. *International Journal of Behavioural Development*. 28,1-15. Doi:10.1080/01650250344000226
- Eagly, A. H. (1987). *Sex differences in social behavior: A social-role interpretation*. Hillsdale, NJ, England: Erlbaum, Inc.
- Eagly, A. H., & Karau, S. J. (1991). Gender and the emergence of leaders: A meta-analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 685-710. doi:10.1037/0022-3514.60.5.685
- Eagly, A. H., & Karau, S. J. (2002). Role congruity theory of prejudice toward female leaders. *Psychological Review*, 109, 573-598. doi:10.1037/0033-295X.109.3.573
- Eagly, A. H., Makhijani, M. G., & Klonsky, B. G. (1992). Gender and the evaluation of leaders: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 111, 3-22. doi: 10.1037/0033-2909.111.1.3
- Eagly, A. H., & Steffen, V. J. (1986a). Gender and aggressive behavior: A meta-analytic review of the social psychological literature. *Psychological Bulletin*, 100, 309-330. doi: 10.1037/0033-2909.100.3.309
- Eagly, A. H., & Steffen, V. J. (1986b). Gender stereotypes, occupational roles, and beliefs about part-time work. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1094-1105. doi:10.1037/0022-3514.51.6.1094
- Eagly, A. H., & Wood, W. (1982). Inferred sex differences in status as a determinant of gender stereotypes about social influence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 915-928. doi:10.1037/0022-3514.43.5.915

- Eagly, A. H., & Wood, W. (1999). The origins of sex differences in human behavior: Evolved dispositions versus social roles. *American Psychologist*, 54, 408-423. doi: 10.1037/0003-066X.54.6.408
- Eagly, A. H., Wood, W., & Diekmann, A. (2000). Social role theory of sex differences similarities: A current appraisal. In T. Eckes & H. M. Trautner (Eds.), *The developmental social psychology of gender* (pp. 123–174). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Feingold, A. (1994). Gender differences in personality: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 116, 429–456. doi:10.1037/0033-2909.116.3.429
- FREUD, S. (1921). In: *Psicologia de grupo e a análise do ego, Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- Garcia, L. F. (2006). Teorias psicométricas da personalidade. Em C. E. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.), *Introdução à psicologia das diferenças individuais* (pp. 219-242). Porto Alegre: Artmed.
- Garduño, J. (2000). La medición empírica del Narcisismo: Una Síntese de la Investigación sobre su relación con rasgos y teorías de la personalidad. *Universidad Iberoamericana. Psicología Conductual*, Vol. 8, nº 1, pp 33-56. Doi:
- Goldberg, L. R. (1992). The development of markers for the Big-Five factor structure. *Psychological Assessment*, 4, 26-42.
- Grijalva, E., & Newman, D. A. (2014). Narcissism and counterproductive work behavior (CWB): Meta-analysis and consideration of collectivist culture, Big Five personality, and narcissism's facet structure. *Applied Psychology: International*
- Hansenne, M. (2003). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- Heine, S. (2007). *Cultural Psychology*. Nova York.
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). *The Big-Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives*. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (Vol. 2, pp. 102–138). New York: Guilford Press.
- John, O.P., Donahue, E. E. M. & Kentle, R.L. (1991). *The Big Five Inventory – Versions 4a and 5a*. Berkeley, CA: University of California, Berkeley, Institute of Personality and Social Research.

- Jonh, O.P., Nauman, L. P. & Soto, C. J. (2008). Paradigm Shift to the Integrative Big Five Trait Taxonomy: History Measurement and Conceptual Issues. In O. P. Jonh, R.W. Kohut, H. (1972). *Thoughts on narcissism and narcissistic rage. The Psychoanalytic Study of the Child*, Vol 27, 360-400.
- Kubarcych, T. S., Deary, I. J., & Austin, E. J. (2004). The narcissistic personality inventory: factor structure in a non – clinical sample. *Personality and individual differences*, 36, 857 – 872.
- Larsen, R.J., & Buss, D. M. (2009). *Personality Psychology: Domains of Knowledge about Human Nature* (4th Ed.). New York: McGraw-Hill.
- Lockwood, D. (1986). Class, status, and gender. In R.Crompton & M.Mann (Eds.), *Gender and stratification* (pp. 10–23). Cambridge, Eng-land: Polity Press.
- Macedo, M. (2005). *Neuroses: Leituras psicanalíticas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2ª edição, Brasil.
- Magalhães, M. & Koller. S. H. (1994). Relação entre narcisismo, sexo, e genero. *Arquivos Brasileiro de Psicologia*, 46 (3/4), 77-93.
- McCrae, R. & Jonh, O.P (1992). Na Introduction to the Five-factor Model and its Application. *Journal of Personality*, 60, 2, pp.175-206.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1987). Validation of the five - factor model across instruments and observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (1), 81-90.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1989). Reinterpreting the Myers-Briggs Type Indicator from the perspective of the five factor model of personality. *Journal of Personality*, 57, 1740.
- Meeker, B. F., & Weitzel-O'Neill, P. A. (1977). Sex roles and interpersonal behavior task-oriented
- Miller, J. B. (1986). *Toward a new psychology of women* (2nd ed.). Boston: Beacon Press.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36, 556-563. doi: 10.1016/S0092-6566(02)00505-6
- Primo, J. Mateus, D. (2014). *Normas para a elaboração e apresentação de teses de doutoramento; (Aplicáveis às dissertações, trabalhos de projeto de estágio de Mestrado)* (VS), Lisboa: Universidade ULHT.

- Prinzle, P. Dekovic, M. Reijntjes, A. H. A. Stams, G. J. J. M. & Belsky, J. (2009). The Relations Between Parents' Big Five Personality Factors and Parenting: A Meta-Analytic Review. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97 (2), 351 – 362.
- Raskin, R. N. & Hall, C.S. (1979). A Narcissistic personality inventory. *Psychological Reports*, 45, 590.
- Rebollo, I. & Harris, J. R. (2006). Genes, ambiente e personalidade. In C.E. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.). *Introdução à Psicologia das diferenças individuais* (pp. 300-322). Porto Alegre: Artmed.
- Robins & L. A. Pervin (Eds), *Handbook of Personality: Theory and Research*. New York: Guilford Press, pp 114-158.
- the Five- Factor Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55 (2), 255265. Doi: 10.1177/106907279500300202.
- Roberts, B. W., & Helson, R. (1997). Changes in culture, changes in personality: The influence of individualism in a longitudinal study of women. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 641–651. doi: 10.1037/0022-3514.72.3.641
- Roberts, B. W., Kuncel, N., Shiner, R. N., Caspi, A., & Goldberg, L. R. (2007). The of power personality: The comparative validity of personality traits, socioeconomic status, and cognitive ability for predicting importante life outcomes. *Perspectives in Psychological*
- Roberts, B. W., Jackson, J. J., Fayard, J. V., Edmonds, G., & Meints, J. (2009). Conscientiousness. In M. Leary & R. Hoyle (Eds.), *Handbook of Individual differences in social behavior* (pp. 369–381). New York, NY: Guilford Press.
- Roberts, B. W., Lejuez, C., Krueger, R. F., Richards, J. M., & Hill, P. L. (2012, December 31). What Is Conscientiousness and How Can It Be Assessed?. *Developmental Psychology*. Advance online publication. doi:0.1037.
- Srivastava, S., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2003). Development of personality in early and middle adulthood: Set like plaster or persistent change? *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 1041–1053.
- Tschanz, B. T., Morf, C. C., & Turner, C. W. (1998). Gender differ-ences in the structure of narcissism: A multi-sample analysis of the narcissistic Personality Sex Roles,

- Trentini, C. M., Hutz, C. S., Bandeira, D. R., Teixeira, M. A. P., Gonçalves, M. T. A. & Thomazoni A. R. (2009). Correlações entre a EFN - Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP - Inventário Fatorial de Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 8 (2), 209-217.
- Trzesniewski, K. H., Donnellan, M. B., & Robins, R.W. (2008). Is “ generation me” really more narcissistic than previous generations? *Journal of Personality*, 76 (4).903 – 918. doi: 10.1111/j.1467-6494.2008.00508.x.
- Twenge, J. M. & Crocker, J. (2002). Race and self – esteem: meta – analysis comparing whites, blacks, hispanics, asians and american indians. *Psychological Bulletin*, 128, 371 – 408. doi.org/10.1037/0033-2909.128.3.417.
- Twenge, J. M. & Foster, J. D. (2008). Mapping the scaly of the narcissism epidemic: in creases in narcissism 2002 – 2007 with in ethnic groups. *Journal of research in personality*, 42 (6), 1619 – 1622. doi:10.1016/j.jrp.2008.06.014.
- Twenge, J. M., Konrath, S., Foster, J. D. W., Campell, K., & Bushman, B. J. (2008). Egos Inflating over time: A cross – temporal meta – analysis of narcissistic personality inventory. *Journal of Personality*, 76, 875 – 901. DOI: 10.1111/j.1467 6494.2008.00507.x.
- Twenge, J. M. (1997/). Changes in masculine and feminine traits over time: A meta analysis. *Sex Roles*, 36, 305–325. doi: 10.1007/BF02766650
- Twenge, J. M. (2009). Status and gender: The paradox of progresso in an age of narcissism. *Sex Roles*, 61, 338–340. doi: 10.1007/s11199-009-9617-5
- Watson, P. J., Grisham, S.O., Trotter, M. V., & Biderman, M. D. (1994). Narcissism and empathy: Validity evidence for the Narcissistic Personality inventory. *Journal of Personality Assesment*, 48, 301-305.
- Watson, P.J., Biderman, M. & Sawrie, S. (1994) Empathy, Sex Role Orientation and Narcissism. *Sex Roles*. 30, 701-723.
- Wood, W., & Eagly, A. H. (2002). A cross-cultural analysis of the behavior of women and men: Implications for the origins of sex differences. *Psychological Bulletin*, 128, 699–727. doi:10.1037/0033-2909.128.5.699

ANEXOS

Anexo A

ESTUDO ANÓNIMO

Caro (a) participante, solicitamos a sua colaboração para efetuar um estudo sobre questões da personalidade. A sua participação neste estudo é voluntária.

Pretende-se saber como se sente e qual a sua opinião. Deste modo, pedimos-lhe que leia atentamente todas as questões que lhe vão sendo apresentadas. Não existem respostas certas nem erradas, pelo que qualquer resposta é considerada correta. O importante é que responda com sinceridade às questões colocadas.

Os dados facultados são anónimos e confidenciais, pelo que lhe pedimos que não escreva o seu nome neste questionário.

Se, a qualquer momento do preenchimento deste questionário, não quiser continuar, pode desistir.

Em caso de existirem questões sobre o estudo podem contactar Mariana Pereira: marympereira@gmail.com

Agradecemos desde já a sua colaboração.

Aspetos Sociodemográficos

Solicitamos-lhe agora algumas informações adicionais relativas a alguns dados pessoais. Para tal, pedimos-lhe apenas que coloque uma cruz (x) na opção que melhor se adequa a si e que responda as questões. Lembramos, mais uma vez, que a informação recolhida é anónima e confidencial

Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

Idade ____ anos.

Habilitações literárias _____ anos de escolaridade completos.

Trabalha: Não ☐ Sim ☐.

Qual a sua nacionalidade _____

Tem alguma crença religiosa? Sim ☐ Qual? _____ Não ☐

Estado civil:

☐ Casado(a)

☐ Separado(a)

☐ Divorciado(a)

☐ Viúvo(a)

☐ União de Facto

☐ Numa relação comprometida

☐ Em várias relações sem compromisso

☐ Presentemente não me encontro envolvido(a) com ninguém.

Anexo B

NPI – 40

Este questionário é composto por vários conjuntos de afirmações com as quais se pode ou não identificar.

Exemplo:

A. Eu gosto de ter autoridade sobre pessoas.

B. Eu não me importo de seguir ordens.

Qual destas duas afirmações se identifica mais com os seus sentimentos e a sua maneira de estar? Identifica -se mais:

- “Eu gosto de ter autoridade sobre pessoas”, então deve escolher opção A.
- “Eu não me importo de seguir ordens”, então deve escolher opção B.

Pode identificar-se com as afirmações A e B, se assim for, deve escolher uma só afirmação, esta escolha deve ir de encontro com a que mais se identifica.

No caso de não se identificar com as afirmações, selecione a que é menos censurável.

Leia atentamente cada par de afirmações, de seguida assinale a sua opção, identifique a sua opção por escrito com a letra A ou B no espaço fornecido à direita de cada item.

1. A. Eu tenho um talento natural para influenciar as pessoas. ____

B. Eu não sou bom a influenciar as pessoas. ____

2. A. Não sou modesto. ____

B. Eu sou essencialmente uma pessoa modesta. ____

3. A. Faria qualquer coisa num desafio. ____

B. Tento ser uma pessoa bastante cautelosa. ____

4. A. Quando as pessoas me elogiam por vezes fico envergonhado. ____

B. Eu sei que sou bom porque os outros mo dizem. ____

5. A. O pensamento de governar o mundo assusta-me. ____

B. Se eu dominasse o mundo, este seria um lugar melhor. ____

6. A. Consigo safar-me de qualquer situação. _____
B. Eu tento aceitar as consequências do meu comportamento. _____
-
7. A. Prefiro misturar-me com a multidão. _____
B. Eu gosto de ser o centro das atenções. _____
-
8. A. Eu serei um sucesso. _____
B. Eu não estou preocupado com o sucesso. _____
-
9. A. Eu não sou melhor nem pior do que a maioria das pessoas. _____
B. Eu acho que sou uma pessoa especial. _____
-
10. A. Eu não tenho certeza se seria um bom líder. _____
B. Eu vejo-me como um bom líder. _____
-
11. A. Eu sou assertivo. _____
B. Eu gostaria de ser mais assertivo. _____
-
12. A. Eu gosto de ter autoridade sobre outras pessoas. _____
B. Não me importo de seguir ordens. _____
-
13. A. Acho que é fácil manipular as pessoas. _____
B. Eu não gosto quando manipulo os outros. _____
-
14. A. Insisto em conseguir o respeito que me é devido. _____
B. Eu costumo receber o respeito que mereço. _____
-
15. A. Eu não gosto particularmente de mostrar o meu corpo. _____
B. Eu gosto de mostrar o meu corpo. _____
-
16. A. Sou capaz de ler as pessoas como um livro aberto. _____
B. As pessoas às vezes são difíceis de entender. _____
-
17. A. Se eu me sentir competente estou disposto a responsabilizar-me pelos meus atos. _____
B. Eu gosto de assumir as responsabilidades dos meus atos. _____
-
18. A. Eu só quero ser razoavelmente feliz. _____
B. Quero ser reconhecido e ter valor aos olhos do mundo. _____
-
19. A. O meu corpo não é nada de especial. _____

- B. Eu gosto de olhar para o meu corpo. _____
-
20. A. Eu tento não dar nas vistas. _____
- B. Eu normalmente exibo-mer quando tenho hipótese. _____
-
21. A. Eu sei sempre o que estou a fazer. _____
- B. Às vezes eu não tenho certeza do que estou fazer. _____
-
22. A. Eu às vezes dependo dos outros para fazer as coisas. _____
- B. Eu raramente dependo dos outros para fazer as coisas. _____
-
23. A. Às vezes eu conto boas histórias. _____
- B. Todos gostam de ouvir as minhas histórias. _____
-
24. A. Espero muito das outras pessoas. _____
- B. Eu gosto de fazer coisas para os outros. _____
-
25. A. Eu nunca estarei satisfeito até receber tudo o que mereço. _____
- B. Fico satisfeito à medida que as coisas acontecem. _____
-
26. A. Fico envergonhado com elogios. _____
- B. Eu gosto de ser elogiado. _____
-
27. A. Tenho uma vontade forte de poder. _____
- B. O poder a mim não me cativa. _____
-
28. A. Eu não me interesso por novas modas e ideias. _____
- B. Eu gosto de começar novas modas e ideias. _____
-
29. A. Eu gosto de me olhar no espelho. _____
- B. Eu não estou particularmente interessado em olhar-me ao espelho. _____
-
30. A. Eu gosto realmente de ser o centro das atenções. _____
- B. Ser o centro das atenções deixa-me desconfortável. _____
-
31. A. Posso viver a minha vida como e da maneira que eu quiser. _____
- B. As pessoas nem sempre podem viver as suas vidas como desejam. _____
-
32. A. Ser autoridade não significa muito para mim. _____

- B. Os outros parecem reconhecer a minha autoridade. _____
-
33. A. Eu preferia ser um líder. _____
B. Faz pouca diferença para mim se eu sou um líder ou não. _____
-
34. A. Eu vou ser uma grande pessoa. _____
B. Espero vir a ter sucesso. _____
-
35. A. Os outros às vezes acreditam no que eu digo. _____
B. Eu posso fazer com que alguém acredite em qualquer coisa. _____
-
36. A. Eu sou um líder nato. _____
B. A liderança é uma qualidade que leva muito tempo para se desenvolver. _____
-
37. A. Desejo que um dia alguém escreva a minha biografia. _____
B. Eu não gosto de pessoas que se metem na minha vida, por qualquer motivo. _____
-
38. A. Quando estou em público fico chateado se os outros não repararem em mim. _____
B. Eu não me importo de misturar com a multidão. _____
-
39. A. Eu tenho mais capacidade do que outras pessoas. _____
B. Há muito que eu posso aprender com os outros. _____
-
40. A. Eu sou muito parecido com todos os outros. _____
B. Eu sou uma pessoa extraordinária. _____
-

Por favor confirme se respondeu a todas as questões, isto é, se escreveu a letra a seguir a cada uma das afirmações.

Muito obrigado pela participação.

Anexo C

BFI

Instruções: Nesta folha vai encontrar um conjunto de características que podem ou não aplicar-se a si. Por exemplo, concorda que é uma pessoa que gosta de passar tempo com os outros?

Responda escrevendo um número a seguir a cada uma das afirmações para indicar até que ponto concorda ou discorda com essa afirmação. Utilize a escala de 1 (Discordo fortemente) a 5 (Concordo fortemente):

1 = Discordo fortemente

2 = Discordo um pouco

3 = Nem concordo nem discordo

4 = Concordo um pouco

5 = Concordo fortemente

Vejo-me como alguém que...

1	É falador.		23	Tende a ser preguiçoso.	
2	Tende a encontrar defeitos nos outros.		24	É emocionalmente estável, não se perturba facilmente	
3	É minucioso a trabalhar.		25	É engenhoso.	
4	É deprimido, triste.		26	Tem uma personalidade assertiva.	
5	É original, tem novas ideias.		27	Pode ser frio e distante.	
6	É reservado.		28	Persiste até terminar a tarefa.	
7	Ajuda os outros, não é egoísta.		29	Pode ser de humores.	
8	Pode ser um pouco descuidado.		30	Valoriza experiências artísticas e estéticas.	
9	É relaxado, lida bem com o stress.		31	É por vezes, tímido, inibido.	
10	É curioso acerca de muitas coisas diferentes.		32	É atencioso e simpático para quase todas as pessoas.	
11	É cheio de energia.		33	Faz as coisas de um modo eficiente.	
12	Inicia conflitos com os outros.		34	Permanece calmo em situações de tensão.	
13	É um trabalhador de confiança.		35	Prefere o trabalho que é rotineiro.	
14	Pode estar tenso.		36	É extrovertido, sociável.	
15	É um pensador engenhoso e profundo.		37	Por vezes, é rude para os outros.	
16	Gera muito entusiasmo.		38	Faz planos e leva-os em frente.	
17	Perdoa por natureza.		39	Fica facilmente nervoso.	
18	Tende a ser desorganizado.		40	Gosta de reflectir, de jogar com as ideias.	
19	Preocupa-se muito.		41	Tem poucos interesses artísticos.	
20	Tem uma imaginação activa.		42	Gosta de cooperar com os outros.	
21	Tende a ser calado.		43	Distrai-se facilmente.	
22	É geralmente de confiança.		44	É sofisticado na arte, música, literatura.	

Por favor confirme se respondeu a todas as questões, isto é, se escreveu um número a seguir a cada uma das afirmações.

